

ATEMIG – ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS: VARIANTE REGIONAL DO ATLAS TOPONÍMICO DO BRASIL

Maria Cândida Trindade Costa de SEABRA¹ (UFMG)

RESUMO: O presente trabalho pretende mostrar resultados parciais de nossa pesquisa no Estado de Minas Gerais. Com sede na Faculdade de Letras da UFMG, sob nossa coordenação, o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – encontra-se vinculado ao Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil – e se caracteriza, inicialmente, como um estudo dos nomes de lugares que abrange todo o território mineiro. Seguindo metodologia comum, o Projeto ATEMIG adota o “método das áreas” ou dialetológico, utilizado por DAUZAT (1926) e as categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por DICK (1990).

RESUMEN: El presente trabajo pretende mostrar resultados parciales de nuestra pesquisa en el estado de Minas Gerais. Con sede en la Faculdade de Letras da UFMG, bajo nuestra coordinación, el Proyecto ATEMIG Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais _ se encuentra vinculado al Proyecto ATB - Atlas Toponímico do Brasil - y se caracteriza, inicialmente, como un estudio de los nombres de lugares que abarca todo el territorio de aquél estado. Seguindo la metodología común, el Proyecto ATEMIG adopta el "metodo de las áreas" o dialectológico, utilizado por DAUZAT (1926) y las categorías taxionómicas que representan los principales estándares motivadores de los topónimos en Brasil, sugerida por DICK (1990).

1. Introdução

O Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – que estamos coordenando e desenvolvendo na Faculdade de Letras da UFMG – caracteriza-se, inicialmente, como um estudo dos nomes de lugares que abrange todo o território mineiro. Vinculado a um projeto maior, o ATB – Atlas Toponímico do Brasil, coordenado pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP), o ATEMIG abrange os estudos do homem e da sociedade por meio da linguagem e da investigação onomástica, destacando a interrelação língua e cultura. Constitui-se, pois, uma ampla linha de pesquisa que contempla estudos do léxico sob enfoques etnolingüísticos e antropoculturais em suas diversidades regionais.

2. Sobre a pesquisa

O estudo da Toponímia brasileira, como parte aplicada da lingüística, envolve, principalmente, e antes de tudo, o reconhecimento dos estratos dialetais que estruturam, no território, a forma de expressão vocabular. A partir desse reconhecimento etnolingüístico, estudam-se os padrões motivadores dos registros onomásticos, enquanto se destaca a relação língua e cultura.

Assim sendo, o Projeto ATEMIG tem como objetivos básicos:

- a) reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros.
- b) estudar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração).
- c) buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos)

Tendo, pois, como objeto de trabalho a unidade lexical, a metodologia empregada em nossa pesquisa é a mesma adotada pelas demais equipes de pesquisadores que integram o ATB em outros estados, ou seja:

- a) o “método das áreas” utilizado por DAUZAT(1926) que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão;
- b) a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por DICK (1990).

¹ E-mail: seabra@netuno.lcc.ufmg.br.

Iniciamos a pesquisa pela análise da nomenclatura dos municípios, seguindo a divisão territorial que recorta o estado em 10 macrorregiões, a saber: Central, Mata, Rio Doce, Jequitinhonha/Mucuri, Norte de Minas, Noroeste, Sul, Centro-Oeste, Alto-Paranaíba e Triângulo.



Fonte: http://licht.io.inf.br/mg_mapas/mapa/cgi/GT_Mapas1024.php?codibgeh=&zoom=1&extent=-50.933962264151+-23.33962264151+-38.103773584905+-13.339622641509&img.x=283&img.y=283

Região Central: É a principal área de concentração demográfica do estado, em função do volume de investimentos e do efeito polarizador da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A região conta com grandes recursos hídricos e com inúmeras reservas naturais entre os quais o Parque Nacional da Serra do Cipó. Abriga também significativos núcleos históricos, como Ouro Preto, Diamantina, Serro, Tiradentes e São João Del Rei, além de trechos da antiga Estrada Real. Nesta região situa-se Lagoa Santa – que guarda um dos principais sítios arqueológicos do país, onde foi encontrado o mais antigo esqueleto das Américas.

Zona da Mata: Com relevo acidentado e montanhoso, a região teve seu processo de ocupação associado à expansão da cafeicultura. Juiz de Fora destaca-se como o município mais importante e industrializado. Possui reservas e parques naturais, como Ibitipoca, Serra do Brigadeiro e Serra do Caparaó. Preserva também alguns trechos da Estrada Real.

Rio Doce: O eixo econômico da região está concentrado nos municípios do Vale do Aço – que abriga importante complexo industrial – e em Governador Valadares – que é o principal pólo comercial. A agropecuária constitui, também, atividade bastante tradicional. A maior reserva interiorana de Mata Atlântica do país encontra-se nesta região, no Parque Estadual do Rio Doce. A região localiza-se estrategicamente em relação aos principais eixos rodoferroviários nos sentidos Leste-Oeste e Norte-Sul, próxima de Belo Horizonte, da Bahia e do Espírito Santo.

Jequitinhonha/Mucuri: Localizada no semi-árido mineiro, a região apresenta os mais baixos indicadores sociais do Estado. A agricultura é predominantemente familiar e pouco desenvolvida tecnologicamente. Seus recursos minerais são de importância estratégica, possuindo grandes jazidas de pedras preciosas e semipreciosas. Teófilo Ottoni é a cidade mais importante.

Norte de Minas: Abrange a maior parte da região semi-árida mineira, com pouca disponibilidade de recursos hídricos. A pecuária extensiva e a agricultura familiar constituem sua base econômica. Os municípios mais desenvolvidos são Pirapora, Montes Claros e Bocaiúva. Situa-se nesta região o Vale do Peruaçu que constitui patrimônio natural inestimável.

Noroeste: o vazio demográfico é a principal característica da região e a estrutura fundiária está baseada em grandes latifúndios. As culturas de subsistência coexistem, no entanto, com ilhas de eficiência e lucratividade no setor de produção de grãos e reflorestamento, de que são exemplos a agricultura irrigada e tecnificada dos municípios de Unaí e Paracatu. Merece destaque ainda a exploração mineral de seu rico subsolo, como ocorre em Vazantes. A represa do Rio São Francisco em Três Marias tem sido vetor de desenvolvimento turístico da área, atraindo investimentos em infraestrutura. Apesar de guardar localização

privilegiada com o Distrito Federal e o Estado de Goiás, a região ressen-te-se da falta de uma malha rodoferroviária que a conecte com o restante do estado de Minas.

Sul: De ocupação antiga e com características acentuadamente rurais, a região é a maior produtora de café no Brasil. Nos últimos anos, vem passando por processo de industrialização, graças ao deslocamento de indústrias paulistas para cidades como Lavras, Varginha, Pouso Alegre e Três Corações. Há predominância da Mata Atlântica, associada a áreas de cerrado o que confere uma grande biodiversidade a esta região.

Centro-Oeste: A região é tradicional produtora de leite, aves, suínos , bem como açúcar e álcool em usinas de grande e médio porte. Nela se localiza o lago de Furnas.

Alto Paranaíba: É a menor região do estado e sua paisagem, predominantemente rural, tem se modificado em função de programas recentes de ocupação produtiva do cerrado, bem como da exploração de sua grande riqueza mineral.

Triângulo: Responsável por experiências pioneiras de ocupação e colonização do cerrado, sua economia agrícola é especializada e de alto nível tecnológico. É um dos principais pólos atacadistas brasileiros. A topografia da região é suave, com excelentes condições do solo e grande disponibilidade hídrica, garantida pelas bacias dos rios Paranaíba e Grande.

Em cada uma das regiões destacadas, estamos realizando o detalhamento da realidade toponímica, a fim de conhecer as características denominativas dos seus acidentes geográficos. Para atingir tal objetivo, estamos levantando todos os nomes de povoados, rios e acidentes geográficos documentados em mapas municipais – fontes do IBGE, com escalas que variam de 1:50.000 a 1:100.000 e cumprindo as etapas seguintes em cada região:

1. coleta de dados;
2. análise e tabulação dos dados;
3. organização da matéria;
4. apresentação de resultados parciais.

Após a coleta, os topônimos são registrados em fichas, conforme modelo sugerido por DICK (2004), para serem analisados e classificados. A seguir, reproduzimos uma das fichas do Projeto ATEMIG:

ATB – Atlas Toponímico do Brasil

ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

(variante regional)

Localização/ Município: Açucena
Topônimo: Açucena
A.G.: Humano / cidade
Taxionomia: Fitotopônimo
Etimologia: Árabe > Português
Entrada Lexical: Açucena
Estrutura Morfológica: Nf [Ssing]
Histórico: Travessão > Travessão de Guanhões > Travessão > Açucena
Informações Enciclopédicas: “Planta da família das amarilidáceas, de flores coloridas’ XVI. Do árabe <i>as-susanâ</i> ” (CUNHA, 1987). “Surge, por volta de 1860, o povoado de Travessão (...) o antigo distrito teve sua denominação mudada para Travessão de Guanhões, em 1923, em 1938, restituiu-se a primitiva denominação de Travessão. Ao ser elevado a município, em 1943, recebeu o nome de Açucena”(1º Censo Cultural de Minas Gerais, 1995).
Contexto: 1º Censo Cultural de Minas Gerais, 1995
Fonte: Carta de Ipatinga, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL –ESC. 1:100.000; 1980
Coordenador ATEMIG: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Pesquisador: Christiane Tegethoff Motta
Revisor: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick
Data de coleta: Fevereiro 2005

Para cada topônimo construímos uma ficha como essa que se compõe dos seguintes campos:

Localização/Municípios: corresponde ao nome do município onde o topônimo se encontra.

Topônimo: corresponde ao registro do nome do lugar coletado.

A.G.: Acidente Geográfico. Trata-se da natureza semântica da denominação, ou seja, o vínculo entre o nome e o lugar. Divide-se entre humanos e físicos. Ao acidente físico está relacionada a geografia da região: rio, ribeirão, cachoeira, córrego, morro. Já ao acidente humano, relacionam-se os lugares habitados pelo homem e as construções por ele realizadas como cidade, distrito, povoado, fazenda, sítio, pequenas propriedades, habitações isoladas no meio rural, etc.

Taxionomia: Neste campo registra-se a taxa do topônimo, isto é, o nome de lugar inscrito na ficha deverá receber uma classificação ou uma das 27 taxas que traduzem condutas motivadoras orientadas pela ordem física e antropocultural de suas ocorrências, segundo modelo de DICK(1990).

Etimologia: Indica a procedência do topônimo. Tendo como base as informações contidas no campo “informações enciclopédicas”, procura-se classificar cada um dos topônimos em relação à sua origem lingüística.

Entrada Lexical: mostra como o topônimo aparece nos dicionários consultados.

Estrutura Morfológica: Indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos, de acordo com SEABRA(2004:51-53).

Histórico: Neste item é apresentada a evolução do topônimo, quando esta ocorreu, com base nos documentos escritos. Observamos as formas extraídas de informações enciclopédicas e de documentos escritos dos topônimos, a fim de recuperar o seu *continuum* histórico.

Informações Enciclopédicas: Neste campo, encontram-se informações várias sobre o topônimo estudado, embasando a classificação sobre sua origem, sobre sua estrutura morfológica e sobre sua taxionomia.

Contexto: Reservou-se este campo para mostrar a fonte de onde se retiraram as informações sobre o topônimo.

Fonte: Indica a referência completa da carta geográfica de onde se coletou o topônimo.

Coordenador ATEMIG: onde consta o nome da coordenadora do Projeto no Estado de Minas Gerais.

Pesquisador: onde consta o nome do estagiário/pesquisador responsável por aquela coleta toponímica.

Revisor: onde consta o nome da coordenadora do ATB – Atlas Toponímico do Brasil.

Data de coleta: época em que se realizou a pesquisa da ficha.

Quando um dos itens da ficha não ocorre ou não sendo possível sua classificação, essa ausência é marcada com as abreviações:

- n/c (não classificado);
- n/e (não encontrado).

As fichas constituem uma análise detalhada do topônimo, com informações que o integram à sociedade e à cultura, como propõem DAUZAT e DICK em metodologia já relacionada anteriormente, ou seja, as fichas ultrapassam a mera função nomenclatória.

3. Resultados parciais da Pesquisa

Em Minas Gerais, nosso trabalho teve início em fevereiro de 2005. Estamos, desde então, realizando coleta e análise de topônimos em vários pontos das diversas regiões do estado. Apresentamos aqui resultados de nossa análise toponímica das 853 cidades mineiras.

As três taxionomias mais recorrentes em cada região do estado, se tomarmos como base os nomes de cada município, são, assim, apresentadas, por ordem de ocorrências:

Região	Maiores ocorrências		
	1º	2º	3º
Zona da Mata	Antropotopônimo ²	Fitotopônimo ³	Litotopônimo ⁴
Região Central	Antropotopônimo	Hagiotopônimo ⁵	Fitotopônimo
Rio Doce	Antropotopônimo	Fitotopônimo	Hagiotopônimo
Sul	Hagiotopônimo	Antropotopônimo	Geomorfotopônimo ⁶
Centro-Oeste	Hagiotopônimo	Antropotopônimo	Hidrotopônimo ⁷
Alto Paranaíba	Hagiotopônimo	Zootopônimo ⁸	Geomorfotopônimo
Jequitinhonha/Mucuri	Hidrotopônimo	Fitotopônimo	Antropotopônimo
Norte de Minas	Fitotopônimo	Hagiotopônimo	Hidrotopônimo
Noroeste	Fitotopônimo e Geomorfotopônimo	Axiotopônimo ⁹	Hierotopônimo ¹⁰
Triângulo	Geomorfotopônimo	Hidrotopônimo	Zootopônimo e Fitotopônimo

Considerando as informações que se encontram no quadro acima, podemos observar a ocorrência, em primeiro lugar, de taxionomias de natureza antropocultural – topônimos que fazem referência ao universo psíquico-social do homem – nas regiões centro-sul do estado, a saber:

- Antropotopônimos nas regiões Central, Zona da Mata e Rio Doce;
- Hagiotopônimos nas regiões Alto Paranaíba, Centro-Oeste e Sul.

Nas demais regiões, Jequitinhonha/Mucuri, Norte, Noroeste e Triângulo, predominam, com número maior de ocorrências, as taxionomias de natureza física – topônimos que fazem referência à natureza, a elementos de ordem vegetal, animal, espacial, orográfica e hidrográfica:

- Hidrotopônimos na região do Jequitinhonha/Mucuri;
- Fitotopônimos, na região Norte;
- Fitotopônimos e Geomorfotopônimos, na região Noroeste;
- Geomorfotopônimos na região do Triângulo.

Ainda em relação à natureza antropocultural, os antropotopônimos ocorrem, em segundo e terceiro lugares nas regiões Sul, Centro-Oeste e Jequitinhonha /Mucuri. Já os hagiotopônimos ocorrem nas regiões Central, Norte e Rio Doce. Os axiotopônimos e os hierotopônimos ocorrem só na região Noroeste do estado.

A região do Triângulo se mostra singular pelo fato de não apresentar entre suas três maiores ocorrências taxionomias de natureza antropocultural.

² Topônimos relativos aos nomes próprios individuais.

³ Topônimos relativos à vegetação.

⁴ Topônimos relativos à constituição do solo.

⁵ Topônimos relativos aos santos e santas.

⁶ Topônimos relativos às formas topográficas.

⁷ Topônimos relativos a elementos hidrográficos.

⁸ Topônimos de índole animal.

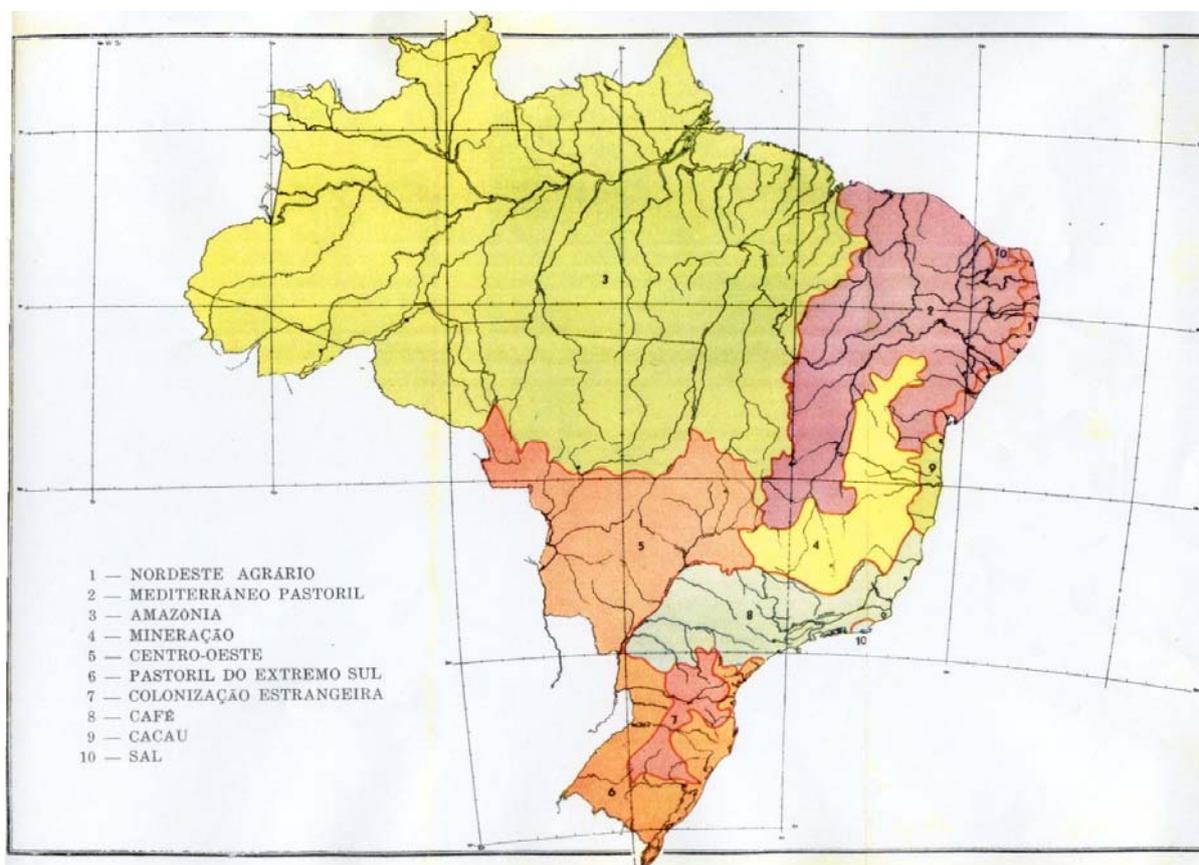
⁹ Topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.

¹⁰ Topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças.

4. Considerações

As análises dos dados permitem que sejam feitas as seguintes considerações:

1. As regiões centro, leste e sul do estado que se caracterizam por serem regiões culturalmente conhecidas como região do café e região da mineração – conforme mostra o mapa a seguir – apresentam, sempre entre as três maiores ocorrências, como motivação toponímica, o nome do homem, ou a taxionomia antropotopônimo. Isso nos leva a pensar que nessa parte de Minas, o homem deixou marcado seu território com seu nome, indicando posse.
2. Os Hagiopônimos, ou nomes de santos, é bastante recorrente, predominando em todo o estado, com exceção das regiões Noroeste, Jequitinhonha e Triângulo.
3. A região Noroeste, pouco povoada, mas com grandes latifundiários – chamada de mediterrâneo pastoril por DIÉGUES JUNIOR (1960) – foi a única a ter entre suas maiores ocorrências os hierotopônimos e os axiotopônimos.
4. DIÉGUES JUNIOR (1960) apresenta, conforme se pode observar no mapa abaixo a divisão de Minas em quatro regiões culturais: Mediterrâneo Pastoril, Mineração, Café e Centro-oeste. O que a toponímia mostra é que a região do Triângulo, realmente, tem sua singularidade, destacando-se de todas as demais regiões do estado, uma vez que nela predominam taxes de motivação física.



Fonte: DIEGUES JR., 1960, Anexo.

5. Se observarmos, a seguir, o mapa delineado por Zágari (1998), podemos ver que a região caracterizada por ele como o *falar mineiro* coincide com as três regiões onde os antropotopônimos aparecem em primeiro lugar em número de ocorrências, ou seja, a região do Centro, a Zona da Mata e a do Rio Doce. Se nos baseássemos na análise toponímica realizada, apontaríamos uma quarta região neste mapa – a região do Triângulo, uma vez que se destacou de todas as demais regiões. Será que a língua portuguesa falada nessa região não teria, também, características mais próximas com o falar do centro-oeste brasileiro?



Fonte: Adaptado de ZÁGARI (1998) *apud* COHEN, 2000, p.46.

6. Considerando a leitura das fichas lexicográfico-toponímicas dos 853 municípios, produzidas pela equipe do ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – pudemos mostrar como os estudos toponímicos revelam a língua e a cultura de uma sociedade, evidenciando interesses e necessidades de um grupo humano ao marcar seu espaço geográfico.

5. Referências bibliográficas

COHEN, Maria Antonieta A. M. A língua portuguesa no território mineiro: variação lingüística. In: *Português: língua pátria, fator de identidade e resistência*. Coleções Lições de Minas. Vol VIII, Belo horizonte: Secretaria de Educação de Minas Gerais, 2000, p.45-51.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica: Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/ USP, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Atlas Toponímico: um estudo de caso*. São Paulo: Revista da SBPL, USP, Plêiade, 1996, v.6.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. INEP – Ministério da Educação e Cultura, 1960.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2004 (Tese de doutorado, inédita)

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais. In: *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.